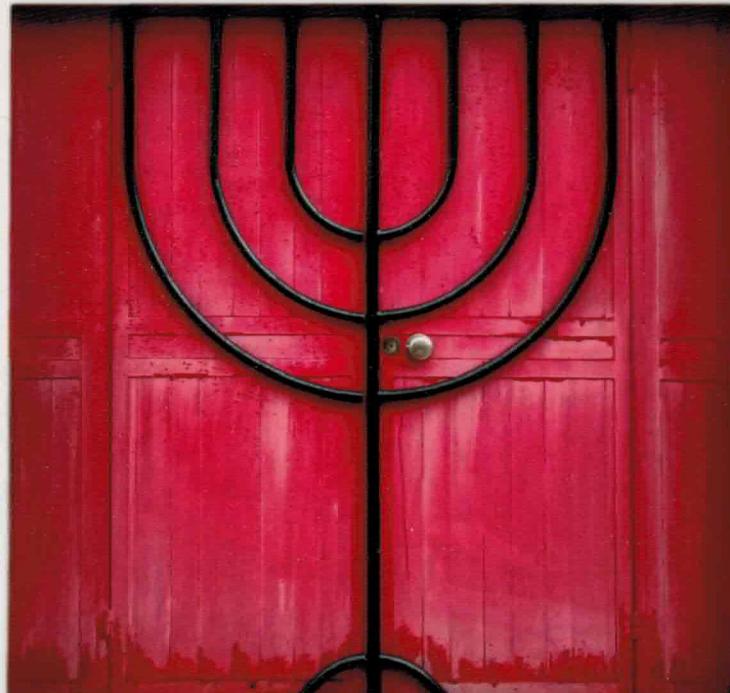


Jorge Martins

O Judaísmo em Belmonte

no Tempo da Inquisição



Jorge Martins é doutorado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Autor de manuais escolares, obras de ficção e ensaios sobre história contemporânea, história local e estudos judaicos e inquisitoriais. Sobre este último tema, proferiu diversas conferências e publicou vários estudos, designadamente os seguintes livros: *Portugal e os Judeus*, 3 vols., 2006; *Breve História dos Judeus em Portugal*, 2009; *A República e os Judeus*, 2010; *Maria Gomes, Cristã-nova, 117 anos: a mais idosa vítima da Inquisição*, 2012; *Manteigas, Minha Pátria: os cristãos-novos de Manteigas*, vol. II, 2015; *A Inquisição em Ourém*, 2016.

COLEÇÃO

JUDAICA

O Judaísmo em Belmonte no Tempo da Inquisição

2003

ISBN 972-703-120-1

160 pp.

16 x 24 cm

€ 15,00

verso

€ 12,00

2003

ISBN 972-703-121-9

160 pp.

16 x 24 cm

€ 15,00

verso

€ 12,00

O Judaísmo em Belmonte

Jorge Martins

Foto: Mário Gómez da Silveira / Agência Lusa

O Judaísmo em Belmonte no Tempo da Inquisição

© Jorge Martins

Direitos reservados por
Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
ancora.editora@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

Capa: Âncora Editora

Fotografia da porta da Sinagoga de Belmonte, do arquivo pessoal do autor.

Edição n.º 45002
1.ª edição: Dezembro de 2016
Depósito legal n.º 419 389/16

Pré-imprensa: Âncora Editora
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.



Ancora
Editora

Obras publicadas nesta colecção:

A INQUISIÇÃO EM OURÉM

Jorge Martins

EM MEMÓRIA DE JORGE SEQUERRA

(1958-2016)

Grande ator, orgulhoso de ser judeu, companheiro inseparável na divulgação da história dos judeus portugueses durante a última década, fazendo a leitura dramatizada de textos, dirigindo e representando *skethes* nas sessões de lançamento dos meus livros.

Não tendo tido oportunidade de cumprir a promessa de o levar a Belmonte – onde nunca esteve e tanto desejava ter ido –, dedico-lhe este livro, cuja apresentação nesta vila proporcionaria a concretização dessa tão almejada presença.

Livro sobre os cripto-judeus de Belmonte
(100-2001)

APRESENTAÇÃO

Belmonte, a terra onde a tolerância foi sempre a nota dominante

Quando falo em Belmonte, muita gente refere logo ser esta a “terra dos judeus”. Tal significa que a comunidade que aqui sobreviveu durante séculos é uma marca indissociável deste concelho. Uma marca única em praticamente toda a Europa, pelo que é reconhecida internacionalmente. Sinto isso quando viajo pelo estrangeiro. Mesmo em Israel, Belmonte é uma terra quase mítica, que muitos anseiam visitar. Por isso mesmo, é neste momento um grande fluxo de turistas. Querem conhecer o Museu Judaico, mas sobretudo contactar e conhecer melhor a Comunidade que vive organizada em torno dos seus ritos ancestrais, do seu rabino e da sua sinagoga.

Esta comunidade é o fruto milenar de uma interligação cultural e religiosa. Podemos dizer que Belmonte é, e sempre foi, uma terra de tolerância. Contudo, ao longo dos tempos, houve sempre períodos políticos e religiosos mais conturbados em Portugal, em que as perseguições foram mais acutilantes e as relações mais difíceis. Esta terra não escapava ao que se passava em seu redor.

Este livro leva-nos da floresta à árvore, permite-nos acompanhar o drama pessoal de algumas pessoas, de algumas famílias, e as conturbações sociais de diferentes épocas. Não enjeitando esta parte da história, factual e da maior relevância, permitam-me também realçar muitas outras histórias de sã convivência nesta terra pequena, onde todas as pessoas se conheciam, mantinham relações de amizade e família. Uma terra onde era impossível disfarçar as diferenças, mas onde eram respeitadas de um modo geral. Isso explica muita da longa história dos cripto-judeus em Belmonte.

Conhecer melhor o nosso passado, permite-nos conhecer o que somos como pessoas e como povo. E Belmonte assume com orgulho a sua história.

António Rocha

Presidente da Câmara Municipal de Belmonte

PRESENTAÇÃO

Belmonte, é terra onde a tolerância é uma virtude e a liberdade de cultos é uma realidade. Quando se fala em Belmonte, é com orgulho que se fala em «uma terra de judeus». É certo que os judeus sempre foram minoria naquela terra, mas sempre foram respeitados e tratados com justiça. Ainda assim, a sua história não é só de tolerância, mas também de luta contra o antisemitismo. Um dos maiores desafios da comunidade judaica de Belmonte foi sempre a integração social, que só conseguiu ser alcançada no final do século XIX, quando a comunidade judaica começou a se expandir para além das fronteiras locais, através da migração para o Brasil e para os Estados Unidos. Esta é uma história de sucesso, de resistência e de superação, que deve ser celebrada e lembrada.

Este é um livro que pretende contribuir para a compreensão da história judaica de Belmonte, através da análise dos documentos históricos disponíveis, bem como das memórias e testemunhos de pessoas que vivem ou viveram nessa terra. O objetivo é dar visibilidade à comunidade judaica de Belmonte, que é uma parte importante da história da região, mas que muitas vezes ficou esquecida ou ignorada. É uma história que merece ser contada, e que pode ajudar a promover a compreensão e o respeito entre as diferentes culturas e religiões que convivem no território português.

PREFÁCIO

Foi, pois, para nós uma enorme e agradável surpresa quando, por um concurso de circunstâncias inesperadas, nos foi dado conhecer em Portugal, sobretudo nas províncias do Norte, numerosas famílias cristãs-novas, que conservaram, até hoje, não só a pureza da raça semítica, visto que só casam entre si, mas ainda intacto o sentimento da religião e da nacionalidade israelita.

Samuel Schwarz, 1925¹

Celebrou-se no ano de 2015 o centenário da vinda para Portugal de Samuel Schwarz, o engenheiro de minas polaco que deu a conhecer ao país e ao mundo a espantosa persistência dos judeus de Belmonte, que conservaram a sua religião durante o período de vigência formal da Inquisição e mesmo depois da sua extinção, por desconfiança da sua efetiva ação, século XIX adentro. Só durante o período da República (1910-1926) se criaram condições para o ressurgimento desta e de outras comunidades judaicas. Este incontornável marco para a singular história do judaísmo português, e do caso particular da comunidade de Belmonte, constitui o ponto de partida para o estudo mais aprofundado das práticas judaicas dos cristãos-novos durante o tempo da Inquisição:

Convém notar que, anteriormente à nossa vinda para Portugal, em 1915, já desde 1907 tínhamos estado por várias vezes na pátria de Torquemada e, estudando aí, de perto, a questão judaica, tivemos ocasião de verificar que não havia ficado em Espanha nenhum vestígio do antigo judaísmo, a não ser algumas famílias das ilhas Baleares, conhecidas pela designação de «chuetas», consideradas como descendentes de judeus

(...) A primeira comunidade de cristãos-novos, que nos foi dado conhecer, foi a de Belmonte (Beira-Baixa) em 1917.²

Foi por esta razão que Samuel Schwarz se espantou com a descoberta entre nós da existência dos marranos de Belmonte. Aliás, embora afirme que isso acontecera no ano de 1917, o autor escreveria em 1929³ que já teria havido um primeiro contacto em 1915, o próprio ano da sua chegada ao nosso país. Trata-se de um artigo que enviou para o *Jewish Telegraph Agency* e que foi traduzido no *Ha-Lapid*, órgão da Comunidade Israelita do Porto, com a data de 15 de setembro de 1929:

*Foi no ano de 1915 que nos foi dado conhecer a primeira comunidade cripto-judaica de Belmonte, vila montanhosa do distrito de Castelo Branco, e publicámos mais tarde os resultados dos nossos estudos sobre os cripto-judeus portugueses (Samuel S[ch]warz, os Cristãos Novos em Portugal no século xx, Lisboa, 1925), trabalho que foi dentro em pouco traduzido e publicado pela imprensa mundial, levando assim o problema marano perante a opinião pública judaica.*⁴

Este estudo surge, pois, em homenagem a esta figura incontornável do judaísmo contemporâneo português, por ocasião do centenário da sua chegada a Portugal. Ainda hoje, quer para os estrangeiros, quer para os portugueses, Belmonte é um símbolo da resistência judaica à Inquisição, facto tributário da ação nacional e internacional de Samuel Schwarz em prol da preservação e divulgação desta realidade, no tempo insuspeitável.

...comunidade cripto-judaica de Belmonte, que nos foi dada a conhecer, é a menor das três que existiam na Beira-Baixa, tendo sido fundada por judeus que fugiram da Espanha e da África, e que se instalaram naquela vila, que é de origem romana, e que tem uma grande beleza natural.

Ora, a razão da surpresa é da validade das conclusões desse autor, que já era conhecido da comunidade judaica europeia, tendo assim, que serem consideradas como válidas. Assim, é de se perguntar, qual é a razão da sua surpresa?

INTRODUÇÃO

Ainsi perpétuaient-ils, en dépit de l'oppression, les grandes lignes du judaïsme traditionnel; et le terme de «juifs» que les inquisiteurs leur appliquaient avec mépris pouvait être reenvendiqué par les marranes comme une identité légitime.

Cecil Roth, *Histoire des Marranes*⁵

Face ao estudo que ora se publica sob o título *O Judaísmo em Belmonte no Tempo da Inquisição*, a questão prévia que se nos coloca é, necessariamente, entendermo-nos sobre a controvérsia alimentada nos meios historiográficos, desde 1969, pela tese de António José Saraiva, inserta no seu livro *Inquisição e Cristãos-Novos*. O autor sustentava que, no tempo da Inquisição, não havia judeus, antes eram fabricados pelo Santo Ofício. Citando o *Testamento Político* de D. Luís da Cunha – que por sua vez citava Frei Domingos de S. Tomás –, António José Saraiva proclamou: “assim como na Calçetaria havia uma casa em que se fabricava moeda, assim havia outra no Rossio onde se faziam judeus, ou cristãos-novos”⁶. Socorrendo-se de uma tese de outro autor, Jean-Paul Sartre, em *Réflexions sur la Question Juive*, Saraiva conclui: «O Judeu está em situação de Judeu porque vive no seio de uma comunidade que o tem como Judeu»⁷. Em seu entender não havia judeus nem judaísmo nessa época, pois era a própria Inquisição que tratava de transformar cristãos-velhos em judaizantes, ou cristãos-novos em judeus.

Sem nos alongarmos nesta polémica, sobretudo disputada entre Saraiva e Israel Salvator Révah nos anos 1970⁸ e que hoje, embora ainda persista, é bem mais fácil desmontar, por se tratar de uma tese sobre a Inquisição vinda de quem não estudou os processos inquisitoriais,

² Cecil Roth, *Histoire des Marranes*, p. 153.

³ António José Saraiva, *Inquisição e Cristãos-Novos*, p. 184.

⁴ Idem, p. 25.

oito da fórmula de que o sacerdote deve ser um homem de religião e seguidor do Evangelho, no qual não pode haver vícios de luxo, avarice, orgulho ou vaidade. Ainda assim, o sacerdote deve ter uma certa liberdade para exercer a sua função de ministro da Igreja. Ora, a Inquisição não admite que o sacerdote seja um homem de vício, mas se o sacerdote exponha os seus pecados, também não admite que seja um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja. Ora, a Inquisição não admite que o sacerdote seja um homem de vício, mas se o sacerdote exponha os seus pecados, também não admite que seja um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

1. Da mesma forma, a Inquisição considera que o sacerdote deve ser um homem de religião, que não pode ser um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja. Ora, a Inquisição não admite que o sacerdote seja um homem de vício, mas se o sacerdote exponha os seus pecados, também não admite que seja um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

2. Da mesma forma, a Inquisição considera que o sacerdote deve ser um homem de religião, que não pode ser um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja. Ora, a Inquisição não admite que o sacerdote seja um homem de vício, mas se o sacerdote exponha os seus pecados, também não admite que seja um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

3. Da mesma forma, a Inquisição considera que o sacerdote deve ser um homem de religião, que não pode ser um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja. Ora, a Inquisição não admite que o sacerdote seja um homem de vício, mas se o sacerdote exponha os seus pecados, também não admite que seja um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

4. Da mesma forma, a Inquisição considera que o sacerdote deve ser um homem de religião, que não pode ser um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

5. Da mesma forma, a Inquisição considera que o sacerdote deve ser um homem de religião, que não pode ser um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

6. Da mesma forma, a Inquisição considera que o sacerdote deve ser um homem de religião, que não pode ser um sacerdote de confissões, porque só assim pode exercer a sua função de ministro da Igreja.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), processos:

Inquisição de Coimbra: 460, 916, 2083, 2083-1, 8278, 8592, 8853.

Inquisição de Lisboa: 129, 147, 1080, 1178, 1851, 1877-1, 1878, 1879, 1956, 2327, 2419, 2419-1, 2789, 2919, 3478, 3936, 3936-1, 4058, 4638, 4722, 4780, 5213, 5582, 6015, 6039, 6050, 6063, 6542, 6843, 6847, 6847-1, 6888, 6888-1, 6889, 6937, 6955, 7295, 7603, 7637, 7888, 7900, 8145, 8639, 8651, 8865, 9005, 9126, 9152, 9187, 9190, 9198, 9199, 9224, 9256, 9378, 9543, 9636, 9654, 9855, 9916, 9932, 9935, 9938, 10075, 10161, 10296, 10579, 10625, 11189, 11348, 11379, 11520, 11606, 11848, 12580, 13060, 13156, 16527, 16527-1.

ANTT, 21.º Caderno do Promotor, livro 222, 1618-1637.

ANTT, *Livro das Reconciliações da visitação do Santo Ofício nas Ilhas dos Açores, e Continente, 1575-1579*.

ANTT, *Livro 2.º de Denúncias dos casados duas vezes, dos do pecado nefando, e de demonstrações de crimes contra a fé, nos Açores e Continente, 1575-1580*.

ANTT, *Livro das Reconciliações e Confissões da visitação do Santo Ofício da Inquisição a qual fez o Doutor D. Manuel Pereira, inquisidor apostólico contra a herética pravidade em todo o distrito da Inquisição de Lisboa, 1618-1619*.

ANTT, *Memórias Paroquiais*, Belmonte, 6/5/1758.

CANELO, David Augusto, «Judeus e criptojudes de Belmonte», in Armando Coelho F. Silva e Rui M. S. Centeno, *Museu Judaico de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2005, pp. 99-117.

DIAS, João José Alves, «A Beira Interior em 1496: Sociedade, Administração e Demografia», *Arquipélago. Série Ciências Humanas*, N.º 4, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982, pp. 95-193.

GARCIA, Maria Antonieta, *Judeus de Belmonte. Os Caminhos da Memória*, Lisboa: Instituto de Etnologia das Religiões – Universidade Nova de Lisboa, 2000.

_____, in *Judiarias, Judeus e Judaísmo, Turres Veteras*, XV, 2013, pp. 115-125.

Ha-Lapid (O Facho): órgão da Comunidade Israelita do Porto, N.º 24, Porto: A. C. de Barros Basto, 1929.

LIPINER, Elias, *Os Baptizados em Pé*, Lisboa: Vega, 1998.

_____, *Terror e Linguagem. Um Dicionário da Santa Inquisição*, Lisboa: Contexto, 1999.

MARQUES, Manuel, *Outorga da Liberdade (Foral de Belmonte 1199/1999)*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2000.

_____, *Concelho de Belmonte: Memória e História*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2001.

MARTINS, Jorge, *Portugal e os Judeus*, 3 vols., Lisboa: Nova Vega, 2006.

_____, *Manteigas, Minha Pátria: os cristãos-novos de Manteigas*, vol. II, Manteigas: Câmara Municipal de Manteigas, 2015.

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte, *Portugal – O Sabor da Terra. Beira Baixa*, vol. 7, Lisboa: Círculo de Leitores / Expo'98, 1997.

NOGUEIRA, Cristina, *Roteiro do Concelho de Belmonte*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2005.

OLIVEIRA, Manuel Ramos, «Os cristãos-novos nos distritos da Guarda e Castelo Branco», in *Beira Alta*, ano X, fasc. II, 1951, pp. 89-101.

Regimento do Santo Ofício da Inquisição dos Reinos de Portugal, Lisboa, nos Estaus: Manuel da Silva, 1640.

ROTH, Cecil, *Histoire des Marranes*, Paris: Liana Levi, 1990.

SARAIVA, António José, *Inquisição e Cristãos-Novos*, Porto: Editorial Inova, 1969.

SCHWARZ, Samuel, «Inscrições Hebraicas em Portugal», in *Arqueologia e História*, vol. I, 1922, pp. 124-168.

_____, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, Lisboa, 1925, [s.n.].

TAVARES, Maria José Ferro, *Os Judeus em Portugal no Século XIV*, Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

_____, *As Judiarias de Portugal*, Lisboa: CTT-Correios de Portugal, 2010.

VARGAS, José Manuel, *Forais de Belmonte: 1190-1510*, Belmonte: Câmara Municipal de Belmonte, 2001.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	11
A INQUISIÇÃO EM BELMONTE	18
Os processos inquisitoriais contra os belmontenses	18
O processo de Guiomar Fernandes, moradora em Caria	22
OS CRISTÃOS-NOVOS EM BELMONTE NO SÉCULO XVI	28
A visitação da Inquisição a Belmonte em 1579	30
Os cristãos-novos belmontenses processados	38
Síntese	114
OS CRISTÃOS-NOVOS EM BELMONTE NO SÉCULO XVII	126
O Édito da Graça de 1618	128
Os cristãos-novos belmontenses processados	133
Síntese	194
OS CRISTÃOS-NOVOS EM BELMONTE NO SÉCULO XVIII	205
Os cristãos-novos belmontenses processados	206
Síntese	354
O JUDAÍSMO EM BELMONTE ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVIII	369
CONCLUSÕES	393
FONTES E BIBLIOGRAFIA	497

As fontes inquisitoriais consultadas indiciam que os antepassados dos primeiros cristãos-novos belmontenses presos pela Inquisição eram naturais de Belmonte, pelo que podemos afirmar sem grande margem de dúvida que, pelo menos alguns deles, seriam descendentes da comunidade judaica belmontense quattrocentista, anterior ao decreto de expulsão de D. Manuel, promulgado em 1496.

No Tempo da Inquisição, os cristãos-novos nunca abandonaram Belmonte, nem o judaísmo, antes lá permaneceram de geração em geração ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, sujeitos às perseguições inquisitoriais. As datas dos registos dos últimos que foram processados pela Inquisição – meados do século XVIII –, demonstram que não é crível que tivessem desaparecido todos daquela vila para serem substituídos por um casal na geração seguinte, legitimando-se assim a tese de que a atual Comunidade Judaica de Belmonte tem ascendência secular belmontense.

«Ora somos Judias, bem nos pesa de não sermos mais Judias!»

Processo de Isabel Lopes, 1578

«Disse que esta lhe perguntara por que a prendia e ele lhe respondeu “por dizerdes que a vossa lei é melhor que a nossa, sendo vós cristã-nova, por serem as palavras contra a fé e eu, por ser ministro d’El-Rei nosso Senhor, vos prendo”. E ela retorquiu “por isso me prendem, pois em Belmonte todos nós lá dizemos isso diante de clérigos e de juízes e mais não nos vão à mão nem o estranham”.»

Processo de Isabel Rodrigues, 1604

«O inquisidor Manuel Pereira disse-lhe que ela não revelou todas as cerimónias judaicas nem todas as pessoas com quem as praticou, “vivendo no dito lugar do Teixoso e nesta vila de Belmonte onde há tanta gente de nação dos cristãos-novos, pelo que a tornam a admoestar, queira acabar de confessar”.»

Processo de Beatriz Rodrigues, 1618

«Bendito seja Adonai, nosso Deus, que com teu mandamento anoitecem as noites; e com sabedoria abre as portas e com entendimento muda as horas, governas as estrelas do céu, como é tua vontade. E crias dia e crias noite e envolves a luz entre as escuridades, a casa de Jacob a teu povo deste, Lei e encomendanças far-nos-ás Senhor alegrar os verbos de tua Lei.»

Processo de Luisa Antónia, 1580

«Senhor Deus Sabaoth tende piedade de nós, valei-nos, socorrei-nos, livrai-nos de nossos inimigos e da Inquisição.»

Processo de Violante Nunes, 1737

